

EJ | USA

- 2 | Tudo sobre inglês
- 4 | Quatro de Julho
- 13 | O que fazer e não fazer ao viajar
- 26 | DNA: música genética



Destino Estados Unidos

VEJA AS NOVIDADES!



©RAFAEL SUANES

EJ|USA está com novo visual e novo formato a partir desta edição. Seu design mais moderno dá destaque à fotografia e a infográficos atraentes. Seu formato oferece uma matéria de profundidade e seções regulares sobre ciência, negócios, cultura e outros tópicos.

A equipe tem se dedicado a assuntos do momento, colaborando como um time de designers, redatores e editores, além de consultar fontes de especialistas.

A ex-redatora MacKenzie Babb está animada com a aplicação de uma estrutura criativa aos seus artigos. Em sua nova função ela diz se sentir como “a redatora antes conhecida como MacKenzie”. (Ela não é Prince, mas para nós é uma estrela de rock.) A designer Lauren Russell, que fez uma sessão de fotos com Terry Kramer (veja “Última palavra”), gostou de conversar sobre políticas públicas com o ex-embaixador durante um café. O editor Mark Trainer em breve estará vivendo uma de suas matérias. Ao pesquisar sobre os Moocs (cursos abertos on-line em massa), Mark ficou interessado e acabou se matriculando em um curso on-line de “Introdução à Guitarra”. Esperamos que ele vá longe. A designer sênior Dori Walker aproveitou o novo modelo da nossa revista para explorar tendências do design gráfico. Acho que vocês vão gostar da ilustração que ela fez para o artigo sobre *crowdfunding*.

Ao trabalhar com os redatores no tema “Destino Estados Unidos”, pensei na hospitalidade que ofereço aos amigos que visitam Washington. Tem o meu “tour radical” que começa com uma ligação às 4h30 para acordar o visitante para remar comigo no Rio Potomac e também meu mais tradicional “tour museus e monumentos”.

Qualquer que seja seu tipo de turista, se prefere esportes ou visitas a museus, você encontrará ideias nestas páginas que o levarão bem além de Washington para explorar lugares menos conhecidos dos Estados Unidos. Tem aventuras de salto de penhascos no Oeste; música por toda parte em Austin, no Texas; lugares badalados no Brooklyn; e um guia para a típica cultura americana da histórica Rota 66.

— Elizabeth Kelleher, editora-gerente (na foto acima, na frente)

EJ|USA

eJournal USA

Coordenadora do IIP Dawn L. McCall
Editor executivo Nicholas S. Namba
Diretor de Conteúdo
Escrito Michael Jay Friedman

Ilustração da capa Marcos Carvalho
Foto da contracapa ©Buero Monaco/Corbis

Equipe editorial

Editora-gerente Elizabeth Kelleher
Gerente de Produção Michelle Farrell
Editor Andrzej Zwanecki
Editora MacKenzie Babb
Editora Lauren Monsen
Editor Mark Trainer
Editora de Publicações Sonya Weakley
Designer sênior Dori Walker
Designers Lauren Russell, Lisa Jusino

Redatores colaboradores

Michael Gallant, Terry Kramer,
Jane L. Levere, Susan Milligan,
Tim Neville, Sohaib Sultan

Publisher

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

As edições de *eJournal* são publicadas em formato impresso e eletrônico. As edições também podem estar disponíveis em árabe, chinês, espanhol, francês, persa, português, russo e outros idiomas. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas em *eJournal USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso

aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, caso em que é necessário pedir permissão aos detentores dos direitos mencionados na publicação.

Editor EJ|USA

IIP/CD/WC
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
email: ejournalusa@state.gov

DESTINO ESTADOS UNIDOS: cidades, vistas e sons surpreendentes

ESPECIAL

8 DESTINO ESTADOS UNIDOS

Esportes de aventura, música em Austin, Brooklyn, Rota 66

Departamentos

2 Tudo sobre inglês

3 Curtas

LAZER

4 Quatro de Julho

COMUNIDADES

18 Ramadã

PAZ E SEGURANÇA

20 Semeando a paz

EDUCATION

22 Jovens americanos no exterior

24 MOOCs

ARTES

26 DNA: ouça, veja, leia

CIÊNCIA

28 Robôs

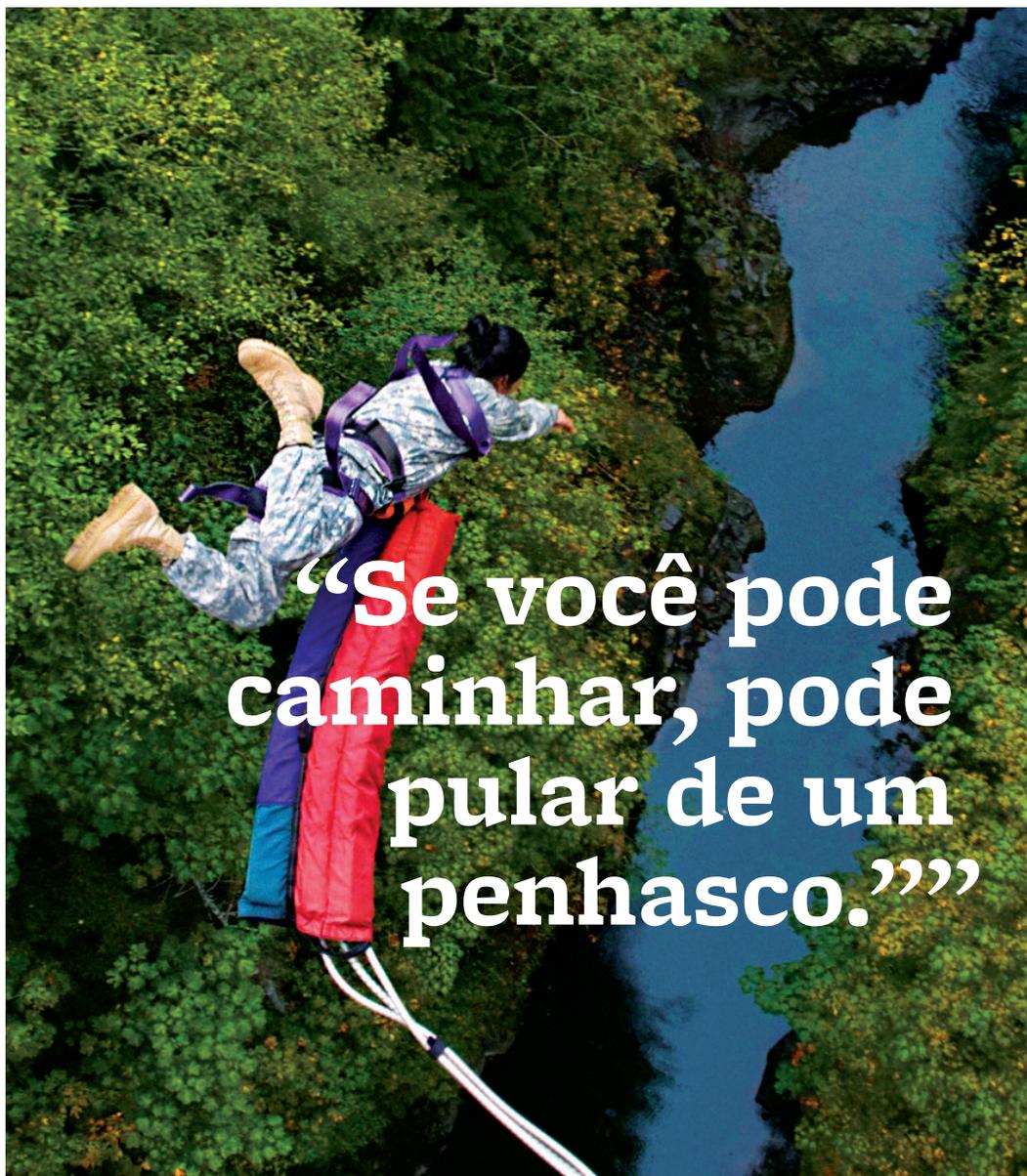
MERCADO

30 Crowdfunding

ÚLTIMA PALAVRA

32 Terry Kramer

33 Ligando os pontos



“Se você pode
caminhar, pode
pular de um
penhasco.””

TUDO SOBRE INGLÊS: palavras para observar nesta edição



Affluent (afluente) | ter uma grande quantidade de dinheiro e possuir muitas coisas de valor, p. 19

Aficionado | pessoa que gosta, conhece e aprecia um interesse ou uma atividade que em geral acompanha com grande entusiasmo, p. 16a

Artificial Intelligence (inteligência artificial) | área da ciência da computação que dá às máquinas a capacidade de parecer que têm inteligência humana, p. 24

Authentic (autêntico) | real ou genuíno, não copiado nem falso, p. 14

Beaten path (caminho batido, lugar-comum) | trilha ou caminho percorrido por muitas pessoas que se tornou uniforme, p. 13

Blow-out (banquete) | festa ou comemoração, p. 4

Bob (balançar) | mover-se para cima e para baixo em movimentos rápidos, p. 11

Borough (distrito) | vilarejo, cidade ou parte de uma cidade grande que tem seu próprio governo; uma das cinco principais divisões de Nova York, p. 14

Chip on one's shoulder (informal) (esquentado, briguento) | ter uma atitude ou um comportamento tempestuoso ou desagradável por achar que foi tratado de maneira injusta, p. 29

Chops (habilidades musicais) | a facilidade técnica de um músico, p. 13

Computer-adaptive learning (aprendizado adaptado ao computador) | teste baseado em computador que se adapta ao nível de habilidade do aluno, p. 25

Emigrate (emigrar) | deixar um país ou região para morar em outro lugar, p. 7

Equity (capital, ações, patrimônio) | interesse de risco ou direito de propriedade em bens ou as ações ordinárias de uma empresa, p. 31

Full-on (completo) | não limitado de nenhuma maneira; totalmente desenvolvido, p. 14

Get one's kicks (com alguém ou alguma coisa) (expressão) | ter prazer, se divertir, p. 16a

Gig (bico, show) | emprego, normalmente por tempo específico, em especial na área de entretenimento, p. 13

Gossiping (fofocar) | falar sobre a vida pessoal de outras pessoas, p. 28

Grip(per) (tensor de mão) | peça ou dispositivo para segurar, p. 29

Innovative (inovador) | introduzir ou usar novas ideias ou métodos, p. 19

Persona | o modo como você se comporta, fala, etc. com outras pessoas que faz com que elas a vejam como um determinado tipo de pessoa; a imagem ou personalidade que uma pessoa apresenta aos outros, p. 28

Pitch | apresentar ou divulgar algo, em especial com bastante pressão, p. 30

Pyrotechnics (pirotecnia) | exibição de fogos de artifício, p. 4

Rural | de ou relacionado com o campo e as pessoas que moram nessa área e não na cidade, p. 21

Serene (sereno, tranquilo) | calmo e pacífico, p. 21

Slickrock (rocha escorregadia) | rocha lisa polida pelo vento, p. 10

Telecommunications (telecomunicações) | comunicações à distância por cabo, telefone ou radiodifusão, p. 32

Tepee (cabana indígena) | tenda cônica geralmente feita de peles e usada em especial pelos índios americanos das Grandes Planícies, p. 17

Thrifting | comprar roupas usadas em brechós, p. 7

Unsolicited (não solicitado) | que não foi pedido; dado ou recebido sem ter sido pedido, p. 32

Versatile (versátil) | abranger uma variedade de temas, áreas ou habilidades; também passar com facilidade de uma coisa para outra, p. 29

Vintage | de interesse, importância ou qualidade antigos, reconhecidos ou duradouros; ou datando do passado, p. 18

TODAS AS DEFINIÇÕES EM INGLÊS USADAS EM "TUDO SOBRE INGLÊS" EM EJ|USA FORAM TIRADAS DO ©MERRIAM-WEBSTER LEARNER'S ENGLISH DICTIONARY, WWW.LEARNERSDICTIONARY.COM.

Melhore
seu inglês
e conheça
tudo sobre
a cultura
americana
nesse site!

Recurso on-line
gratuito dirigido
a alunos de todos
os níveis de inglês
como língua
estrangeira.

Serviço do Bureau de Assuntos
Educaionais e Culturais,
Departamento de Estado dos EUA.

Instantâneos dos Estados Unidos



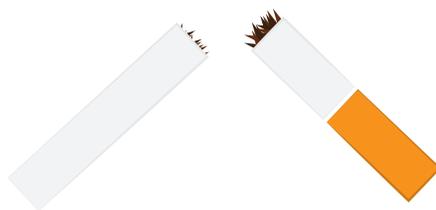
Americanos fazem churrasco de (quase) tudo

Os americanos adoram carne, vegetais e, cada vez mais, frutas preparados na grelha.

Cerca de 82% das residências dos EUA têm uma grelha ou churrasqueira, e 97% dos donos as usam com frequência, de acordo com a Associação de Lareiras, Pátios e Churrasco. Fazer churrasco é considerado até “esporte”, envolvendo centenas de concursos para preparar da melhor forma um prato icônico da culinária americana e marca registrada de sua cultura: o churrasco.

Como o autor Lolis Eric Elie, de Nova Orleans, ponderou em seu livro *Smokestack Lightning: Adventures in the Heart of Barbecue Country* [*Faíscas na Chaminé: Aventuras no Coração do País do Churrasco*]: “Apenas o churrasco inclui no mesmo grupo intelectuais e incultos, religiosos e não religiosos, urbanos e rurais, instruídos e iletrados, negros, mulatos, amarelos, vermelhos e brancos.”

Acenda suas grelhas.

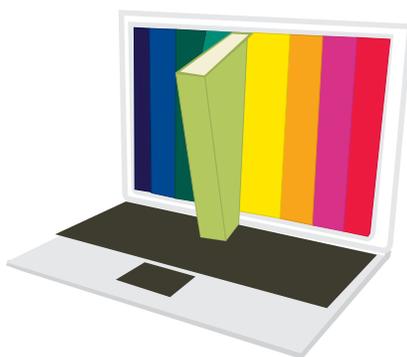


Uma tendência universal

Seguindo o exemplo do país como um todo, mais universidades e faculdades americanas estão banindo a fumaça do cigarro.

De acordo com pesquisa recente, mais de mil campi dos Estados Unidos estão 100% livres da fumaça — o que significa todas as áreas internas e externas. A mudança aconteceu com rapidez: a Fundação para os Direitos dos Não Fumantes Americanos diz que menos de 60 faculdades estavam livres da fumaça em 2007.

Os motivos: algumas universidades reagiram a um comunicado de 2009 da associação de saúde de uma faculdade contra o tabaco. Mas graças a cidades e estados americanos, que tomaram a dianteira nas leis antifumo, as normas sociais mudaram e os não fumantes agora constituem a maioria da população. Banindo o fumo das faculdades, as universidades esperam aumentar essa maioria.



Bibliotecas 2.0

Antigamente os americanos costumavam ir às bibliotecas em busca de livros. Recentemente, um estudo do Centro de Pesquisas Pew mostrou que o acesso dos frequentadores regulares das bibliotecas a computadores e internet quase empata com o acesso a material impresso. Dos usuários da internet nas bibliotecas, 66% fizeram pesquisas para a escola ou o trabalho, 35% usaram as mídias sociais e 16% assistiram a aulas on-line.

Os americanos ainda querem livros, mas querem que a tecnologia facilite seu acesso. A pesquisa indicou que os frequentadores regulares querem acesso on-line a bibliotecários on-line e livrarias automatizadas nos bairros. Também preferem novas tecnologias para navegar por catálogos de livros preparados com tecnologia antiga. Talvez um dispositivo com GPS possa encontrar aquele livro perdido entre pilhas intermináveis.

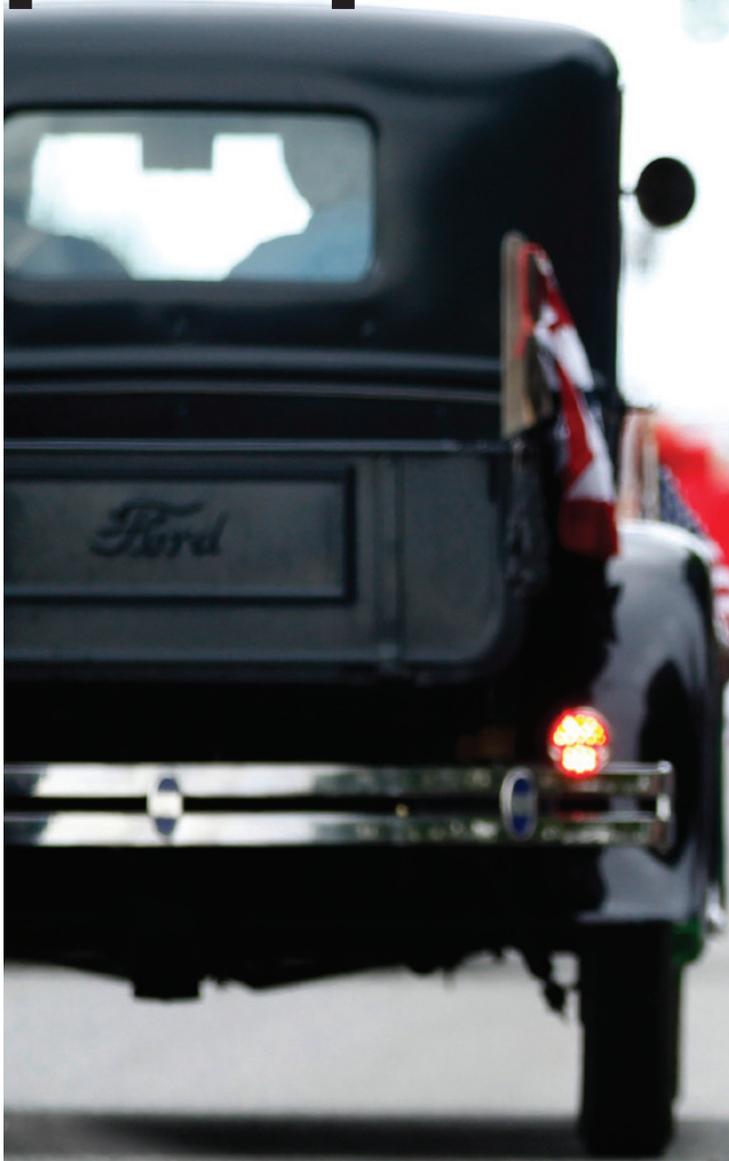


OK para Coca-Cola

Ainda guardando sua “fórmula secreta” em algum lugar de sua sede de Atlanta, a poderosa máquina de marketing internacional da Coca-Cola conseguiu impor sua marca como o segundo termo mais compreensível do mundo, após “OK”, de acordo com a empresa. Os fabricantes do misterioso xarope enviam-no a mais de 900 engarrafadoras no mundo todo, onde os distribuidores acrescentam água e adoçante. Alguns fãs da Coca-Cola dizem que podem distinguir a diferença entre as várias versões das engarrafadoras. Os executivos da empresa defendem sua marca, insistindo que o refrigerante tem o mesmo gosto em todos os lugares.

Quatro de Julho e ruas principais

MARK TRAINER



O Quatro de Julho é, antes de tudo, uma festa de aniversário. Os americanos comemoram o dia de 1776 em que 13 colônias inglesas adotaram a Declaração de Independência e os Estados Unidos da América nasceram.

Assim como as festas de aniversário vêm em todas as formas e tamanhos — da pequena reunião de amigos ao agitado banquete de aniversário — as comemorações do Quatro de Julho em todo o país vão do muito pequeno ao muito grande. Se você estiver visitando os EUA, onde quer que esteja haverá provavelmente um desfile. Se você estiver em uma cidadezinha de Iowa, ela provavelmente apresentará o carro de bombeiros da cidade, crianças de bairros em bicicletas decoradas com flâmulas e não muito mais. Se for para Alameda, na Califórnia, perto de São Francisco, você se juntará a 20 mil espectadores em uma extensão de quase cinco quilômetros para saudar bandas marciais, cavalos e os enormes carros alegóricos dos desfiles.

Aqui está Anchorage, uma pequena cidade de 300 mil habitantes do sul do Alasca, que começa seu Quatro de Julho com um desjejum com panquecas no Parque Delaney, no meio da cidade. “Há barracas com várias atividades e comidas”, disse Paula Conru, moradora antiga da cidade. “Todos vão acompanhar o desfile. Há carros de bombeiros, carros antigos e bandas marciais.”

Porém, como Anchorage está muito distante ao norte, os fogos de artifício são programados para mais tarde. “Eles estouram à meia-noite”, disse Paula Conru, “e ainda não está muito escuro”.

O anoitecer ocorre mais cedo a 5 mil quilômetros de distância, em Nova York. Lá, os 8 milhões de habitantes da cidade podem assistir a 22 toneladas de pirotecnia lançada sobre um trecho de mais de dois quilômetros do Rio Hudson, uma das maiores extravagâncias pirotécnicas da nação (página 6).

Mas não se deixe enganar pelas cores brilhantes e pela música patriótica. Seja na praça de uma cidadezinha rural do Meio Oeste com concurso de tortas e fogos de artifício, ou no Porto de Boston com orquestra e canhões, junto com as comemorações do Quatro de Julho as pessoas sentem orgulho de sua identidade de americanos e um senso que as comunidades — pequenas, médias ou grandes — as definem. ▣



Em Nova York, os fogos de artifício explodem sobre o Rio Hudson atrás do Empire State Building iluminado em vermelho, branco e azul para o Quatro de Julho





“Quando recebi a carta dizendo que a minha cerimônia seria no 4 de Julho, pensei: ‘Tenho o vestido para usar’.”

—KRISLEE NELSON

O primeiro Quatro de Julho de uma nova americana

Krislee Nelson (acima) emigrou aos 13 anos da Jamaica para os Estados Unidos em 2004. Ela se tornou americana em cerimônia realizada em Mount Vernon, lar de George Washington, em 4 de julho de

2012. Perguntamos a ela do que mais se lembra desse dia.

“Devido ao 4 de Julho, foi um dia realmente especial e uma cerimônia realmente especial. Foi demais, é o que direi. Vi muitas pessoas tirando

foto ao lado da bandeira. Meus pais ficaram brincando comigo porque eu era a única que estava combinando com a bandeira. Adoro comprar roupas transadas em brechós e encontrei esse vestido por

acaso, mesmo antes de saber da cerimônia. Quando recebi a carta dizendo que a minha cerimônia seria no 4 de Julho, pensei: ‘Tenho o vestido para usar’.” —M.T.

ESPECIAL

Destino Estados Unidos: cidades, vistas e sons surpreendentes

Explore cidades do Oeste Selvagem onde os montanhistas superam os caubóis, uma cidade melodiosa onde há música ao vivo em lojas de comida, bairros badalados do Brooklyn e os encantos peculiares de uma famosa rodovia dos EUA.





Em um salto de penhasco em tandem em Moab, Utah, aluno ganha a segurança adicional de ter um instrutor junto no voo

“É muito assustador!”, gritou uma mulher um dia, no verão passado, ao se debruçar sobre um penhasco de 600 metros de altura no Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia. Abaixo dela, um

alpinista profissional de 26 anos chamado Alex Honnold estava escorando lentamente a face íngreme sozinho, usando pontos de apoio do tamanho da ponta dos dedos. Era uma coisa assombrosa de ver. “Ele não tem corda!”, gritou. “Se cair, morre!”

Verdade, mas Honnold não caiu. Em vez disso, atingiu o topo, comeu alguns biscoitos e respondeu a perguntas dos espectadores estupefatos, que se perguntavam por que alguém iria querer fazer uma coisa dessas. “Porque você precisa ir a lugares malucos”, deu de ombros Honnold. “É divertido.”

Honnold talvez seja o atleta mais radical que os Estados Unidos produziram nos últimos anos, mas ele tem uma explicação. Com as devidas precauções, os esportes de aventura podem levar qualquer

viajante a locais espetaculares não encontrados nos guias turísticos tradicionais, e isso pode ser realmente divertido.

LUGARES MALUCOS

Os Estados Unidos têm cerca de 265 milhões de hectares de terras públicas federais — mais de quatro vezes a área da França — sem escassez de montanhas elevadas, rios turbulentos e florestas inóspitas para aventuras. Cada vez mais, os americanos estão procurando o ar livre. Em 2011, quase metade da população dos EUA — um recorde de 141 milhões de pessoas — teve como passatempo alguma forma de aventura radical ao ar livre.

Moab, em Utah, ex-posto avançado de mineração no Rio Colorado, está atualmente em franca expansão graças a essa tendência. Aqui, a natureza esculpiu altíssimas rochas vermelhas na forma de pilares impressionantes que trespassam um céu azul profundo. As pessoas vêm escalar itinerários clássicos no alto de formações como a Castleton Tower ou praticar mountain bike no arenito escorregadio polido. A área também é um lugar ideal para aprender Base jump, ou seja, pular de paraquedas de um penhasco. “Se você pode caminhar, pode pular de um penhasco”, disse Mario Richard, da Moab Base Adventures. Ele se amarra aos alunos para saltos em tandem

que culminam em longos voos até o fundo do vale. “A visão daqui do alto é sempre de tirar o fôlego, mas você não fica só admirando-a”, declarou. “Você faz parte dela.”

Comungar com a paisagem se dá de uma forma diferente em lugares como Bozeman, em Montana, ou Squaw Valley, na Califórnia, especialmente no inverno, quando as montanhas acumulam até 12 metros de neve. Em zonas rurais pouco habitadas em torno dessas cidades é possível encontrar esquiadores que pedem carona ou dirigem veículos para neve até o alto dos cumes e depois descem de esqui em velocidade as encostas das montanhas com uma asa de parapente. Chamado *speed riding*, o esporte foi da França para os Estados Unidos há poucos anos. Permite aos esquiadores voar de penhascos, aterrissar na neve de novo e continuar esquiando. Nenhum resort de esqui dos EUA permite o *speed riding* por enquanto, no entanto, nos desfiladeiros de Park City, em Utah, os esquiadores podem subir de teleférico até o topo, desprender-se dele e descer em velocidade até a base. A Cloud 9 Toys, nas proximidades de Salt Lake City, oferece lições de como fazer as asas voar.

Se chapinhar na água em um dia quente de verão em um ambiente controlado fizer mais o seu estilo, dirija-se a Charlotte, na Carolina do Norte, onde encontrará o Centro Nacional Whitewater dos EUA, um complexo de corredeiras e quedas d'água de US\$ 37 milhões que tem como atração um rio de 1.140 metros de extensão inteiramente feito pelo homem. Um guia poderá levá-lo pelas corredeiras em um bote de rafting, ou você poderá explorar os 32 quilômetros de trilhas para mountain bike e para caminhar. Os montanhistas testam seu vigor em uma das maiores encostas escaláveis do mundo. “Muitas pessoas já ouviram falar do lugar, mas não creio que saibam como é fabuloso”, disse uma espectadora certo dia de verão, enquanto olhava os canoístas balançando pelas correntes. “Não sou canoísta”, disse, “mas não parece divertido?”.

Parecia. E também muito menos assustador.

Com as devidas precauções, os esportes de aventura podem levar qualquer viajante a lugares espetaculares não encontrados nos guias turísticos tradicionais.

A **3.5**

DE CARRO

da garganta do Rio Colúmbia, uma das maravilhas naturais mais pitorescas do Oeste.



A **3.5**

HORAS DE CARRO de Portland, Oregon, uma cidade amiga das bicicletas com cena musical ativa.



Bend, Oregon

É uma história comum em todo o Oeste dos Estados Unidos: os colonizadores do século 19 constroem uma cidade em torno de atividades madeireiras ou mineiras, a economia entra em colapso e a cidade luta durante anos, ou mesmo décadas, até se reinventar como polo de esporte ao ar livre. Cidades como essas — Park City, em Utah; Boulder, no Colorado; Jackson, em Wyoming — fazem parte do que é agora comumente chamado de Novo Oeste. Pense nisso como o Oeste Selvagem, mas com montanhistas em vez de caubóis.

Uma cidade do Oregon teve sucesso especial ao adotar sua natureza de Novo Oeste graças aos diversos esportes ao ar livre que oferece o ano todo. Bend, com perto de 80 mil habitantes e a cerca de seis horas de carro ao sul de Seattle, fica no lado oriental das Montanhas das Cascatas, onde os gelados picos vulcânicos se misturam com o deserto. Aqui você pode esquiar a partir do cume de um vulcão a uma altitude de 2.764 metros no Monte Bachelor ou pescar trutas com iscas artificiais no Rio Deschutes. Centenas de quilômetros de trilhas para mountain bike cruzam as florestas, e canoístas manobram nas águas frias de lagos de montanha. Bend também se tornou a capital da cerveja do país, com mais de uma dezena de cervejarias locais. Há até uma bicicleta de 12 assentos para você e seus amigos poderem pedalar entre os bares.

Desculpe, você precisa ter no mínimo 21 anos para praticar esse esporte.



DESTINO ESTADOS UNIDOS

Austin: onde a música não tem limites

MICHAEL GALLANT AND JANE L. LEVERE

Se você visitar Austin, no Texas, lembre-se da regra que garante um bom divertimento: siga seu ouvido. Austin oferece música ao vivo em todos os lugares, desde o terminal do aeroporto a lojas de comida e até mesmo em reuniões da Câmara Municipal, para não falar de clubes, cafés e salas de concerto. A cidade é sede do famoso programa de televisão *Austin City Limits* e de um festival anual de música, além do incrivelmente popular festival South By Southwest.

Basta pisar na Rua 6 para ver o que acontece nesta cidade melódica. “Essa rua é totalmente voltada para a música”, afirmou Francis Preve, morador de Austin e produtor de música eletrônica — um som de pista de dança criado em computador com batidas pulsantes e sintetizadores eletrônicos. Segundo Preve, a Rua 6 é “um sólido reduto de bares e clubes com bandas ao vivo ocupando dez quarteirões. É como a Bourbon Street em Nova Orleans, exceto que o tema é música ao vivo... em qualquer noite da semana”.

Chamada com frequência de “capital mundial da música ao vivo” e com a Rua 6 como seu epicentro do som, Austin ostenta com orgulho quase 200 casas de música.

Para amantes da música retrô e de raiz, o lugar para ir é o Continental Club, enquanto os fãs do blues adoram o Antone’s. A música country, gênero historicamente concentrado em Nashville, no Tennessee, é o centro das atenções no Broken Spoke, onde as canções contam histórias, sejam acompanhadas por guitarras acústicas, violinos, banjos e baixos ou por sons amplificados de rock ‘n’ roll.

Jovens bandas locais se apresentam no 29th Street Ballroom da Spider House, enquanto o Cactus Cafe oferece música acústica. Há música independente, cujo apelo tem menos a ver com estilo e mais com a forma como a música é gravada — independentemente das grandes gravadoras. A música independente é preferida por músicos audaciosos que recorrem ao rock, à música eletrônica, ao blues ou além disso. Austin tem criado vários ícones populares independentes: as bandas Spoon, And You Will Know Us by the Trail of Dead, Okkervil River, Alpha Rev, The Black Angels, além de David Garza



O grupo sueco Movits! combina swing com hip-hop em seu show no Festival de Música SXSW Music Festival.

e Jad Fair, só para mencionar alguns.

O Elephant Room é um lugar excelente para jazz, e blues e jazz são apresentados no histórico Victory Grill, onde todos os grandes, de Billie Holiday a Janis Joplin, já se apresentaram. Se quiser levar música para casa, dê uma parada na Waterloo Records & Video, uma das últimas grandes lojas de disco do país.

E isso é apenas o começo.

“A diversidade da cena musical de Austin origina-se do fato de a cidade ter muita coisa acontecendo, sendo impossível restringi-la a apenas um gênero”, enfatizou Preve. Em qualquer noite, os alunos do campus da vizinha Universidade do Texas encontram o caminho para a Rua 6 enchendo as pistas de

dança ou eles mesmos tocando música. “Ter tantos estudantes assim leva realmente a uma cena independente forte”, sublinhou Preve. “Pode-se escutar muitas bandas de faculdade fazendo shows e exercitando suas habilidades musicais, mas também profissionais experientes que sempre se apresentam em bandas de pub.”

AINFLUÊNCIA DE UM FESTIVAL

Rachael Sage é música baseada em Nova York e fundadora da MPress Records. Este foi o sétimo ano que participou do grande festival de música e conferência South By Southwest (SXSW), realizado em Austin todo mês de março. Ela classificou o SXSW como “o festival de música mais variado e empolgante que se possa imaginar”. Milhares de artistas como Rachael Sage se apresentam em vários pontos da Rua 6 durante o SXSW, fazendo com que a cidade se sinta um carnaval de música.

“Parece que a cidade come, dorme e respira música”, disse Rachael. “Mas, ao contrário de Nashville, onde se espera que a música country domine a cena dos clubes, você realmente sente que é neste lugar ousado, totalmente aberto, que se encontra o ponto decisivo: ‘se for legal, é legal, e será respeitado.’” Além da parte musical do SXSW, o festival também realiza conferências sobre filmes e tecnologia da internet. “Todas essas diferentes formas de mídia permitem uma fertilização cruzada”, afirmou Preve, que, além de produzir música eletrônica, dirige a empresa Akademik Records e dá aulas na Faculdade Comunitária de Austin. Ele considera importante a oportunidade que o SXSW oferece a pessoas criativas como ele próprio para conectar-se e aparecer com novas ideias e aprecia a energia que o festival confere à cidade durante todo o ano.

“Austin não dá sinal de que vai parar”, acrescentou Preve. ▣

Viajar para os EUA

o que fazer



não fazer

Sugestões ao viajar nos EUA

O QUE FAZER

COMPRE A PASSAGEM AÉREA COM ANTECEDÊNCIA E SEJA FLEXÍVEL NAS DATAS PARA ECONOMIZAR.

JUNTE-SE A UM GRUPO DE EXCURSÃO PARA FACILITAR O PLANEJAMENTO E FAZER AMIGOS.

FUJA DO LUGAR-COMUM. LUGARES MENOS CONHECIDOS SÃO OS EUA DE VERDADE.

É COMUM DAR GORJETA PARA GARÇONS E TAXISTAS.

USE O ÔNIBUS. PARA PEQUENOS PERCURSOS, SERVIÇOS DE ÔNIBUS COM DESCONTO SÃO ÓTIMOS.

CONVERSE COM AS PESSOAS DO LUGAR. ELAS VÃO INDICAR O QUE HÁ DE MELHOR EM COMIDA, MÚSICA, PAISAGENS.

O QUE NÃO FAZER

NÃO BEIJE PESSOAS QUE ACABOU DE CONHECER. OS AMERICANOS SORRIEM E DÃO A MÃO.

NÃO DEIXE BAGAGEM DESACOMPANHADA.

NÃO SORVA O MACARRÃO. :)

FONTES: STA TRAVEL, NYC AND CO., ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE AUTOMÓVEIS E E|USA.

Brooklyn resumido: Comer. Jogar. Fazer compras.

JANE L. LEVERE

Quer visitar a verdadeira Nova York? Esqueça Manhattan. O Brooklyn é onde tudo acontece atualmente. Um dos cinco distritos da cidade de Nova York, o Brooklyn está “rapidamente relegando Manhattan à condição de distrito externo”, disse Mark Zustovich, porta-voz de Marty Markowitz, presidente do distrito do Brooklyn. E “condição de distrito externo”, em *novaiorquês*, definitivamente não é elogio.

Apesar de Zustovich ser obviamente parcial, ele apresenta bons argumentos a favor do Brooklyn como “autêntico”, com suas cervejarias artesanais, pistas de boliche e restaurantes com produtos locais. Ele destaca que o Brooklyn não foi invadido por cadeias como o Hard Rock Café.

Para viver a experiência completa do Brooklyn — particularmente se você visitá-lo em tempo ameno — atravesse a pé a Ponte do Brooklyn, que liga a baixa Manhattan ao bairro Dumbo no Brooklyn, cujo nome é um acrônimo para Down Under the Manhattan Bridge Overpass.

Na época de sua inauguração em 1883, era a maior ponte suspensa do mundo e a primeira a se estender sobre o East River. Além de representar um feito técnico, a ponte também inspirou arte, inclusive o quadro icônico de Joseph Stella e o poema de Hart Crane. A Ponte do Brooklyn foi considerada uma das “oito maravilhas modernas do mundo”, disse Robert Reid, editor de Viagens nos EUA dos guias Lonely Planet, e continua a oferecer vistas espetaculares do horizonte de Manhattan e de marcos como a Estátua da Liberdade.

Continue nela até o Dumbo e o Parque da Ponte do Brooklyn, um espaço verde entre as pontes do Brooklyn e de Manhattan (esta última também se estende sobre o East River) com um carrossel dos anos 1920 restaurado. Você pode alegremente fazer uma refeição rápida na Padaria Almondine ou na Jacques Torres Chocolate ou conferir as galerias de arte locais e os livros de arte na powerHouse Books.

A próxima parada, pela balsa do East River, é o conhecido Williamsburg, considerado por muitos como o bairro mais badalado de todos os cinco distritos. Além da cena artística em plena expansão, há o Cinema Nitehawk, onde se serve jantar com os filmes; a Cervejaria Brooklyn, que oferece visitas monitoradas; e os elegantes novos hotéis de luxo, como o Wythe ou o King & Grove, onde a vista da cobertura é memorável. No Parque McCarren, se o tempo permitir, você pode ouvir música ao vivo e jogar kickball, beisebol, futebol e bocha.

Greenpoint, outra parada na balsa do East River, é o paraíso dos amantes de cerveja: o salão da cervejaria Spritzenhaus tem mesas comunitárias vindas da Alemanha e uma longa lista de cervejas alemãs. A atmosfera de Greenpoint, diz Reid, é uma combinação intrigante de “restaurantes poloneses e bares transados”.

O metrô pode levar você próximo ao Parque Slope, cuja “outra Quinta Avenida” (para não confundir com a de Manhattan) tem lojas de roupas vintage e de designers. O Jardim Botânico do Brooklyn também está aí. Nos sábados de manhã, antes do meio-dia, a entrada é gratuita. “Gosto especialmente durante o festival das cerejeiras na primavera, quando há percussão, teatro e música japoneses”, disse Reid.

Outra coisa imperdível para os amantes do ar livre é o Prospect Park, projetado pelos homens que criaram o Central Park de Manhattan, Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux. “Gosto mais dele do que do Central Park, é mais vivo. Você pode jogar futebol, fazer piquenique, andar de bicicleta. É muito mais usado que o Central Park; você pode realmente usufruí-lo”, disse Reid.

Pelo metrô, continue até Fort Greene, sede da Academia de Música do Brooklyn, instituição de 150 anos cuja mentalidade está bem no século 21: tem programação cinematográfica vibrante, multinacional e multilínguas nos Cinemas BAM Rose, um novo espaço que oferece peças e danças contemporâneas por US\$ 20 e um café com música ao vivo nos fins de semana executada por artistas do mundo inteiro. A poucas quadras dali fica o mais novo marco do Brooklyn, o Barclays Center, sede das equipes de basquete e de hóquei.

Para viver a experiência completa do Brooklyn — particularmente se você visitá-lo em tempo ameno — atravesse a pé a Ponte do Brooklyn.

Finalmente, não deixe o distrito sem visitar as atrações a beira-mar, incluindo Coney Island, com um calçadão de madeira que oferece delícias saborosas, o Aquário de Nova York e diversão fora do comum, como a legendaria Cyclone, uma montanha-russa de 1927 no Luna Park. Coney Island é também sede do Brooklyn Cyclones, time da segunda divisão da equipe da Liga Principal de Beisebol do New York Mets — onde mais você pode ver beisebol junto ao mar? O Brighton Beach, que divide o calçadão de madeira de Coney Island, tem sua atmosfera única, graças a mercados russos autênticos e a uma vida noturna vibrante. No verão, vá jantar no restaurante Tatiana no calçadão e depois entre para ver um espetáculo musical no estilo de Las Vegas. ■



Quando vista do bairro chamado Dumbo (Down Under the Manhattan Bridge Overpass), a Ponte de Manhattan emoldura o Empire State Building. Próxima ao Parque da Ponte do Brooklyn, a área atrai gourmets, amantes da arte e jovens de coração

DESTINO ESTADOS UNIDOS



Rota 66: a rodovia mãe

A Rota 66 sempre significou “ir a algum lugar”, de acordo com o autor Michael Wallis, cujo livro *Route 66: The Mother Road 75th Anniversary Edition* [*Rota 66: Rodovia Mãe – Edição do 75o Aniversário*] celebra a lendária rodovia. Construída em 1926, a Rota 66 foi anunciada como “a mais curta, a melhor e a mais panorâmica estrada de Chicago a Los Angeles, passando por St. Louis”. Foi popular entre os motoristas americanos até o início da década de 1960, quando alguns de seus trechos mais importantes foram substituídos por um moderno sistema viário.

Uma importante obra literária (*As Vinhas da Ira* de John Steinbeck), a canção de 1946 “(Get Your Kicks On) Route 66” de Bobby Troup e a série de TV *Route 66* do início da década de 1960 contribuíram para o mito dessa estrada, transformando prosaicos postos de gasolina, motéis e restaurantes em atrações à beira da estrada. O mito sobreviveu à desativação da rodovia em 1985. Atualmente, a Histórica Rota 66 atrai grupos cada vez maiores de aficionados, que a percorrem para sentir a atmosfera dos Estados Unidos do século 20 e suas atrações, ambos autênticos e *kitsch*.





OKLAHOMA

Cidade de Oklahoma

A Saigon Baguette, uma lanchonete vietnamita, ocupa o espaço da mercearia Milk Bottle dos anos 1930, **em cujo telhado há uma garrafa de leite em tamanho gigante.** Hoje, refrigerantes asiáticos à base de sucos de frutas exóticas são mais populares do que leite.



CALIFORNIA

Los Angeles

Um **bairro comercial e teatral chamado Broadway**, formado por sete quarteirões, em seus momentos de glória teve a maior concentração de salas de cinema do mundo. Não eram salas de cinema normais, mas templos suntuosos, alguns dos quais ainda podem ser vistos em visitas monitoradas oferecidas pela ONG Conservação de Los Angeles.



CALIFORNIA

San Bernardino

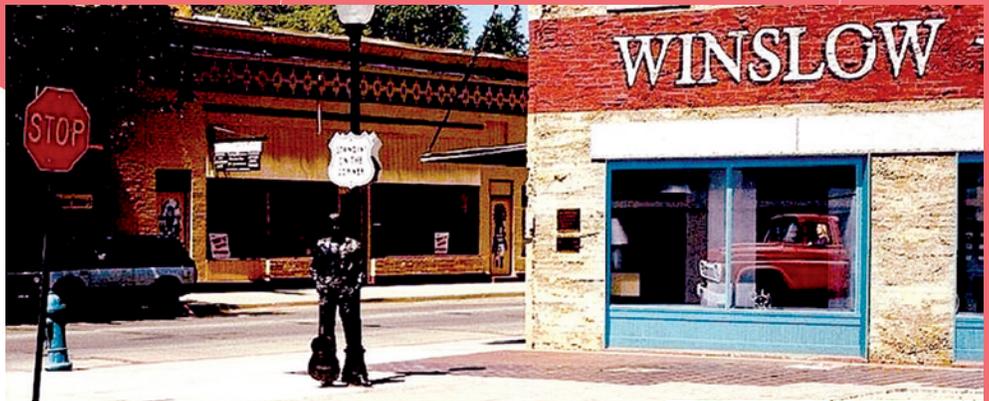
O **Wigwam Motel** inspirou o Cozy Cone Motel no filme de animação Carros, produzido pela Pixar em 2006. Todas as cabanas indígenas de concreto construídas em 1949 foram reformadas e têm sua própria miniatura de banheiro e quarto de hóspedes, incluindo armação de cama feita de roda de vagão.



CALIFORNIA

Victorville

Uma **Thurman lançou-se em sua orgia de vingança aqui** no filme de 2004 de Quentin Tarantino, *Kill Bill Vol. 2*, após ter estado no Holland Burger Café de Emma Jean. No Green Spot Motel, Herman J. Mankiewicz e John Houseman escreveram o roteiro do marco cinematográfico de 1941 — *Cidadão Kane* de Orson Welles. O Museu Rota 66 da Califórnia exhibe os melhores exemplos da arte folclórica da Rota 66 incluindo estacas de cercas com garrafas de vinho enfiadas formando um “jardim de cactos”.



ARIZONA

Winslow

Uma **esquina daqui se tornou famosa** graças ao sucesso da música “Take It Easy” do compacto de 1970 dos Eagles. Nada menos que um parque, uma estátua e um mural de dois andares são dedicados a essa canção.



TEXAS

Near Amarillo

A Fazenda do Cadillac é uma “escultura” bem diferente formada por uma fileira de **carros vintage de 1949 a 1963 enterrados com a frente para baixo em um campo desde 1974**. A meseta flutuante é uma ilusão de ótica criada devido um estreito anel de plástico azul que dá a volta completa em uma seção próxima ao alto de uma colina de cume achatado. A “fatia” parece flutuar no céu um pouco acima da colina.



ILLINOIS

Springfield

O drive-in Cozy Dog alega ser o **primeiro a servir um corn dog**, uma salsicha em um espeto coberta de massa e depois frita. Era o ano de 1946. Atualmente, o corn dog ainda consta do cardápio por US\$ 1,95



NEW MEXICO

Acoma Pueblo

Conhecida como “**Sky City**”, essa comunidade indígena americana está situada em uma colina de arenito de 113 metros de altura, cerca de 80 quilômetros a oeste de Albuquerque, no Novo México. Remontando ao ano de 1150, é um dos aldeamentos dos Estados Unidos que permaneceram por mais tempo desabitados.

Ramadã



Ramadã em Princeton

SOHAIB SULTAN

Para mim, o Ramadã é uma época para apreciar o desapego das preocupações diárias sobre comida e bebida. Libera muito tempo do meu dia para introspecção, reflexão, contemplação e aproximação de Deus.

Mas também, e especialmente para meus alunos, não há nada como o Ramadã para criar um sentido de comunidade. Os estudantes aqui se reúnem para orações diárias e jantares de quebra de jejum (*iftars*). Eles sempre adoram quando chega o Ramadã e sentem falta quando chega ao fim. Perguntam: “Como podemos manter esse espírito durante o ano?” Mas isso é praticamente impossível, e é por isso que o Ramadã é tão especial.

Fico entusiasmado de ver quantos estudantes se dedicam à disciplina espiritual do jejum de um mês de duração, apesar das pressões acadêmicas em Princeton. Durante o mês sagrado do

Ramadã, os muçulmanos aqui seguem as mesmas tradições dos muçulmanos de qualquer lugar do mundo. Mas nossos estudantes também lançaram algumas novas iniciativas inspiradas no Ramadã que honram princípios islâmicos atemporais, como a caridade, de maneira a refletir as preocupações do mundo moderno.

No Ramadã, há maior conscientização sobre as necessidades dos outros, assim, tentamos atender a essas necessidades de inúmeras maneiras. Por exemplo, nossa comunidade patrocina o Projeto Centro da Cidade, evento anual que une muçulmanos e não muçulmanos para fazer sanduíches e distribuí-los em abrigos para sem-teto. Da mesma forma, a Associação de Estudantes Muçulmanos de Princeton organiza um evento anual chamado *fast-a-thon* para incentivar pessoas a jejuar durante um dia, em

“Nos últimos anos, tivemos um concurso do tipo ‘Iron Chef’ para o iftar, uma competição divertida de culinária.”

— SOHAIB SULTAN, CAPELÃO MUÇULMANO DA UNIVERSIDADE DE PRINCETON



solidariedade com alguma “crise de necessidade” em algum lugar do mundo. Patrocinadores doam dinheiro e participantes também contribuem com o dinheiro que teriam gasto com refeições naquele dia, para ajudar vítimas de enchentes, terremotos ou outros desastres naturais.

Os muçulmanos de Princeton introduziram outra inovação também: um período de Ramadã que promove práticas benéficas ao meio ambiente. Nos últimos três anos, comprometemo-nos com um “Ramadã verde”. Para os *iftars*, usamos as xícaras e os pratos mais baratos que pudemos encontrar. Mas agora temos um acordo com o refeitório de Princeton, para serem fornecidos pratos e xícaras não descartáveis e em seguida lavados. Dessa forma, nada vai para o aterro. Mais mesquitas estão tentando fazer isso também. A tendência é incentivada em grande parte por jovens com consciência ecológica.

O Ramadã pode cair em qualquer época do ano, dependendo do calendário lunar, assim a programação do Ramadã varia em Princeton, dependendo de a escola estar ou não em atividade. Como neste ano o Ramadã cai em julho, muitos de nossos alunos estarão de férias. Mas temos alunos de pós-graduação que trabalham no campus e alunos de graduação que fazem estágios de verão, portanto, estamos organizando conversas informais com esses estudantes. E, independente da estação do ano, durante o Ramadã, realizamos cerimônias de orações, leituras do Alcorão, reuniões para desjejum antes do amanhecer e *iftars*.

Diversificamos os cardápios do *iftar*, pois temos uma comunidade muçulmana muito diversa em Princeton. Às vezes temos comida do Sudeste Asiático ou do Oriente Médio ou ainda pratos típicos da Itália. Normalmente, as refeições do *iftar* são entregues por restaurantes locais, mas às vezes os próprios alunos preparam a comida ou duas a três famílias se reúnem para fazê-la. Nos últimos anos, tivemos um concurso do tipo “Iron Chef” para o , uma competição divertida de culinária.

Penso que o Ramadã cria um senso de solidariedade entre os estudantes muçulmanos: um sentido de união e pertencimento. Os estudantes muçulmanos estrangeiros de Princeton surpreendem-se muitas vezes ao encontrar um ambiente tão caloroso e acolhedor — não apenas no Ramadã, mas durante o ano todo. Isso alivia a saudade de casa. ■



Van incrementada alimenta os famintos

MACKENZIE BABB

Para os muçulmanos que vivem em países com diversidade religiosa como os Estados Unidos, o Ramadã proporciona uma ocasião para demonstrar as crenças islâmicas para vizinhos que praticam outras religiões.

Foi durante o Ramadã de 2000 que o organizador comunitário Zamir Hassan se sentiu compelido a ajudar a acabar com a fome na sua cidade, em Nova Jersey. Especialmente durante o Ramadã, “se você vai se deitar com o estômago cheio, mas o seu vizinho está com fome, você não cumpriu sua obrigação como muçulmano”, disse Hassan.

Ao visitar uma cozinha comunitária com a escola de seu filho naquele ano, segundo Hassan, ele ficou chocado em encontrar tantas pessoas famintas na afluyente comunidade de Nova Jersey. Ele e seus amigos fundaram a Muçulmanos contra a Fome, organização sem fins lucrativos para alimentar os sem-teto.

Esforço comunitário

Como “fome não tem religião”, disse Hassan, desde o início seu grupo fez parceria com grupos cristãos, judeus e hindus, assim como escritórios, escolas, famílias e pessoas físicas.

Na última década, a Muçulmanos contra a Fome mobilizou mais de 3 mil voluntários para trabalhar em 21 cidades dos Estados Unidos e do Canadá.

O último projeto do grupo adota uma abordagem inovadora para servir aos famintos. “As cozinhas comunitárias alimentavam apenas pessoas de suas vizinhanças”, comentou. “E as pessoas vagando em torno da estação de trem, debaixo da ponte ou vivendo em barracas nos bosques?”

Ele e seu grupo recentemente criaram a Hunger Van (Van de Combate à Fome), essencialmente uma cozinha comunitária móvel que os voluntários enchem de comida antes de percorrer lugares frequentados por sem-teto para servir-lhes comida.

Pequenos grupos de voluntários se registram on-line para trabalhar na van, que chega em um determinado local com um instrutor de preparação de refeições e ingredientes para fazer 200 refeições. Depois de algumas horas cozinhando, o grupo então percorre outros lugares para distribuir comida.

A Hunger Van atualmente está servindo em áreas da grande Nova Jersey e de Nova York. De acordo com Hassan, ele espera colocar vans em funcionamento em Boston e Washington nos próximos anos.



Semeando a paz

MACKENZIE BABB

Uma organização americana sem fins lucrativos reúne jovens de regiões afetadas por conflitos para estabelecer relações e promover a paz e a segurança no mundo todo.

Anour, aluno palestino-americano de uma escola do ensino médio, irá ao Oriente Médio nas férias de verão.

Embora não seja sua primeira visita à região, ele afirma que essa viagem é diferente.

Normalmente, Anour passaria todo o tempo com seus primos em Kfar Kasem, um vilarejo árabe em Israel. Este ano, contudo, após a visita à família, planeja passar duas semanas viajando para se encontrar com amigos árabes e israelenses.

Embora vivam longe, Anour e seus amigos mantêm-se conectados desde que se conheceram em um acampamento de verão na zona rural do Maine.

Aninhado nos contrafortes ocidentais do estado mais ao leste dos Estados Unidos, o acampamento internacional da organização Sementes da Paz, onde Anour conheceu seus amigos do Oriente Médio, está situado à beira de um calmo lago nos bosques. Próximo à cidadezinha de Otisfield, o local oferece um ambiente tranquilo a jovens do mundo todo para trabalhar em coisas como lidar com cordas de veleiros e ter maior compreensão mútua.

O acampamento, dirigido por um grupo sem fins lucrativos americano, recebe todos os verões 300 estudantes vindos de regiões afetadas por conflitos para um programa que combina atividades tradicionais do verão com muita conversa. Os membros dos acampamentos reúnem-se diariamente em pequenos grupos em sessões de 90 minutos para a resolução de conflitos. Ajudados por facilitadores profissionais, falam sobre o que os divide em seus países de origem.

Anour chegou cético sobre a perspectiva de discussão de conflitos no Oriente Médio com outros jovens de sua idade originários de Israel, Egito, Jordânia, Estados Unidos e territórios palestinos.



Acima: Anour participa de um jogo de cabo de guerra no acampamento. Abaixo: Duas participantes do acampamento celebram seus aniversários juntas

“Pensei que seriam três semanas muito longas”, disse. De fato, ele descreveu a primeira discussão de seu grupo como “uma grande competição de gritos”.

Segundo a diretora da Sementes da Paz, Leslie Lewin, embora essas conversas possam ser emocionais, elas incentivam o entendimento entre estudantes de todos os lados de um conflito.

“Realmente, é fácil odiar alguém ou algo quando você apenas ouve falar sobre eles ou os conhece da televisão. Isso muda quando há relações pessoais e oportunidades de descobrir semelhanças”, disse ela.

Anour disse que as conversas de seu grupo tornaram-se mais produtivas à medida que os líderes do acampamento ensinaram os estudantes a ouvir. Segundo ele, apesar de seus receios iniciais, sua experiência no acampamento incentivou-o a pensar em maneiras de promover a paz e a compreensão no mundo em sua vida de adulto.

Para começar, Anour vai se reunir em Israel nestas férias de verão com algumas das 5 mil pessoas de 27 países que participaram do acampamento Sementes da Paz desde que foi fundado há 20 anos. ■

Reflexões de ex-participantes do acampamento



“Tanto quanto as pessoas são capazes de infligir dor aos outros, também podemos ser janelas para curar uns aos outros.”
- Jenny, Israel

“A paz não é criada em mesas do governo ou em conferências oficiais; ela emana do coração das pessoas.”
- Shaili, Índia



“Acampamentos são lugares em que futuros líderes em potencial são expostos ao ‘outro lado’ em seus anos de formação e, em seguida, postos em ação em suas comunidades.”
- Qasim, Pakistan



Jovens americanos no exterior

Nunca o interesse dos estudantes americanos em estudar no exterior foi tão grande. A geração do milênio, jovens entre 18 e 29 anos, tem sede de conhecer o mundo in loco depois de ter uma ideia de como ele é pelo ciberespaço e pela televisão.



Makena Sage descobre o impossível



Escola de samba no Rio? Sim!



66%
TÊM PASSAPORTE

Cada vez mais, as faculdades e universidades americanas exigem o estudo em um outro país por pelo menos um semestre. Muitas delas trabalham com pares estrangeiros para oferecer programas de intercâmbio. Alguns americanos com orçamento apertado são atraídos para cursos de quatro anos mais econômicos no exterior.



68%
ESPERAM VIAJAR
para o exterior pelo menos
uma vez nos próximos
cinco anos

A maioria esmagadora dos graduados que estudaram no exterior concorda que a experiência influenciou suas perspectivas sobre os acontecimentos mundiais. “Aprendi novas coisas sobre cultura, língua e sobre mim mesma aqui”, disse Jasmine Sharpe sobre seu semestre na Espanha.



49%
MANTIVERAM
correspondência com
alguém que mora no
exterior

Veraluz Deleon, que estudou na Argentina, diz que tem “uma mente aberta para novas culturas, pessoas, ideias e uma nova vida”.

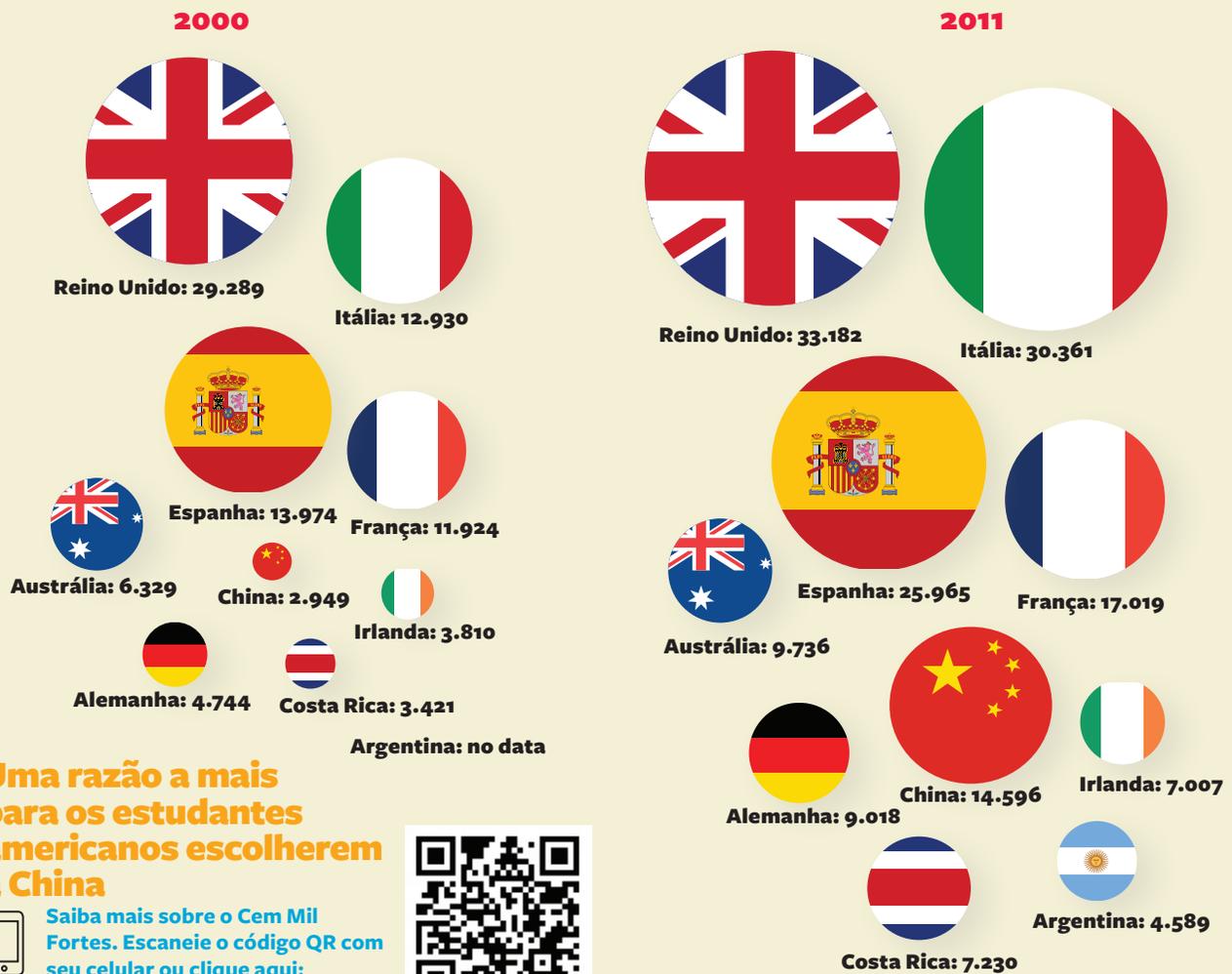


33%
ESPERAM
TRABALHAR
em um país estrangeiro
em algum momento da
vida

Makena Sage, que estudou na Argentina, diz em seu blog que a experiência de estudar no exterior foi responsável por mudar sua “perspectiva sobre a vida e sobre o que é e o que não é possível”.

Americanos sem Fronteiras

Entre 2000 e 2011, o número de jovens americanos estudando no exterior praticamente dobrou. A China registrou o maior crescimento nas matrículas de americanos: 400%.



Uma razão a mais para os estudantes americanos escolherem a China



Saiba mais sobre o Cem Mil Fortes. Escaneie o código QR com seu celular ou clique aqui: <http://goo.gl/m3eER>



FONTE: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO INTERNACIONAL, RELATÓRIO PORTAS ABERTAS 2012

Previsões de um pesquisador de opinião

O especialista em pesquisa de opinião John Zogby identifica os americanos nascidos entre 1979 e 1994 como a primeira geração global. “Eles têm uma sensibilidade planetária como nenhuma outra geração”, disse. “Continuam otimistas, embora tenham perdido um pouco do entusiasmo com a longa recessão e a dívida pública e pessoal.”

A seguir, algumas previsões de Zogby para essa geração:

1 Esses “nômades globais” vão viajar juntos em bandos em busca de experiência, bicos e conexões com outras pessoas. Eles serão um “corpo da paz” informal.

2 Empresas e governos passarão a contar com eles por suas habilidades na solução de problemas da mesma forma como contaram com eles para ensinar tecnologia a funcionários mais velhos de escritório. Sua falta de experiência na tomada de decisões burocráticas acabará sendo uma vantagem. Eles são particularmente talentosos para resolver questões via redes e pequenos grupos.

3 Eles vão pular de bico em bico, mas suas amizades continuarão à longa distância e uma base sólida em suas vidas.

4 Seus filhos serão *papooses* multirraciais — isto é, do folclore indígena americano, bebês enrolados em cobertores, sempre prontos para longas viagens — que falarão diversas línguas e serão instruídos em casa, onde quer que morem.

5 A primeira geração global dará tanta ênfase às suas tribos — isto é, suas comunidades de interesses comuns dentro do país — quanto às nações. Ser americano está no Sistema de Nomes de Domínios, mas eles serão “Americanos sem Fronteiras”.



O que é um Mooc?

Os cursos abertos on-line em massa (Massive Open Online Courses ou Moocs) levam o ensino para fora da sala de aula e oferecem cursos das universidades mais prestigiadas de graça a qualquer pessoa que possa se conectar à internet.

Os Moocs estão engatinhando, mas seu potencial é enorme. Para alguns, os Moocs oferecem um lampejo de como será a educação no futuro. Mas há ainda perguntas a responder: Quem fará a avaliação de 100 mil trabalhos acadêmicos? Poderá um curso concluído por meio de um Mooc receber os mesmos créditos de um curso realizado em um campus?

Os crachás vão substituir os diplomas?

Tradicionalmente, os empregadores exigem diplomas universitários para medir as qualificações dos candidatos ao emprego. Os Moocs podem mudar isso.

O Conselho Americano de Educação vai analisar determinados cursos gratuitos on-line oferecidos pelas universidades de elite e poderá recomendar que outras faculdades concedam o crédito por eles.

Algumas plataformas de Moocs estão gerando receita com a venda a empregadores de informações sobre alunos com alto desempenho que poderiam se encaixar bem nos empregos.

O Coursera, maior plataforma de Moocs, licenciou seus cursos para a Universidade de Antioch, que vai oferecer versões dos Moocs para contar créditos como parte de um programa de bacharelado.

Três Moocs que você precisa conhecer

- 1** Sebastian Thrun, professor de Ciência da Computação em Stanford, e Peter Norvig, diretor de Pesquisa do Google, oferecem pelo Udacity um curso concorrido sobre inteligência artificial.
- 2** O curso Bioeletricidade: Uma Abordagem Quantitativa é oferecido pelo Coursera. O número de estudantes que terminaram o primeiro Mooc da Universidade Duke foi dez vezes maior que o número de matrículas no campus.
- 3** CS50x: Introdução à Ciência da Computação é oferecido pelo edX. A versão tradicional no campus dessa matéria é o maior curso de Harvard.



Moocs em números

190

foi o número de países representados pelos 160 mil participantes do curso de inteligência artificial gratuito on-line da Universidade de Stanford em 2011



quantia doada pela Fundação Bill e Melinda Gates ao Conselho Americano de Educação para testar a viabilidade dos Moocs para transferência de créditos universitários

US\$ 895 mil



O ex-presidente do Conselho Administrativo da Microsoft, Bill Gates, que abandonou seu curso em Harvard, acha que os Moocs poderiam ajudar os empregadores a medir o que você sabe, em vez de qual universidade você frequentou.

Quem tem razão?

Mooc ou não Mooc – eis a questão.

A FAVOR

Alex Tabarrok, professor, Universidade George Mason

Tabarrok vê um futuro em que os Moocs criam oportunidades de aprendizagem que não existiam antes.



CONTRA

Siva Vaidhyanathan, professor, Universidade da Virgínia

Vaidhyanathan vê grande potencial no aprendizado on-line, mas diz que os Moocs são na verdade um retrocesso na realização desse potencial.



Sobre Moocs em comparação com o ensino tradicional em sala de aula

“A realidade é que mais de um terço dos alunos universitários tem mais de 25 anos, quase a metade está matriculada em meio período e a maioria trabalha. Cerca de um quarto dos universitários tem filhos. A experiência universitária tradicional não atende às necessidades da maioria dos alunos de hoje.”

“A diferença entre um curso universitário de verdade e um Mooc é como a diferença entre jogar golfe e assistir ao jogo de golfe. As duas coisas podem ser empolgantes e divertidas. Os dois podem ser entediantes e frustrantes. Mas não são a mesma coisa.”

Sobre a capacidade dos Moocs de ampliar o alcance da educação

“A prática pedagógica off-line requer que cada consumidor consuma no exato momento em que o fornecedor produz. [Os Moocs estão] abertos 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 dias por ano. Aprendizagem *on demand*.”

“Os entusiastas adoram exagerar os números de matrículas, mas deixam de citar os números de atrito. Nenhum desses experimentos recentes de grande projeção oferece nada além do que uma versão em vídeo do curso clássico (e pouco inspirador) correspondente à era do velho e lento sistema de correios.”

Os Moocs são adequados para todos os estilos de aprendizagem?

“A natureza adaptável do teste possibilita focar mais rapidamente na habilidade real. (...) O aprendizado adaptado ao computador será como se o aluno tivesse o seu próprio professor on demand — muito mais personalizado do que um professor dando aula para 500 alunos ou até mesmo 50 alunos. (...) Surpreendentemente, o computador tornará o ensino menos padronizado e robotizado.”

“Os Moocs considerados ‘bem-sucedidos’ tendem a ser baseados em matemática e informática e profissionalizantes — em vez de exploratórios, baseados em ideias ou laboratório. (...) A pior coisa que podemos fazer é forçar todas as áreas de estudo a um único modelo só porque alguns caras ricos como Bill Gates acham que os Moocs são a chave para o futuro.”

EXTRAÍDO DO CATO UNBOUND, 12 DE NOVEMBRO DE 2012

EXTRAÍDO DE “WHAT’S THE MATTER WITH MOOCs?” [“QUAL O PROBLEMA DOS MOOCs?”] BLOG THE CHRONICLE OF HIGHER EDUCATION’S INNOVATIONS, 6 DE JULHO DE 2012

“O ideal seria separar a ideia de **comprovar** o seu conhecimento de como você **adquiriu** esse conhecimento.”

— BILL GATES



Rie Takahashi, que compõe música clássica baseada em informações genéticas, afirma que seu trabalho ajuda os estudantes de medicina



Ouçam!



Para ouvir a música genética, escaneie o código QR com seu celular ou clique aqui: <http://goo.gl/zzVgf>

DNA como nunca ouvido antes

Cientistas da Califórnia transformam informações genéticas em música

MICHAEL GALLANT

Rie Takahashi, jovem cientista de Los Angeles, descobriu uma nova ferramenta inesperada que pode ajudar qualquer pessoa, em qualquer lugar, a começar a entender os segredos ocultos da genética humana — o iPod.

“Em meu terceiro ano na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, participei de um seminário intitulado Ciência e Sociedade, ministrado pelo professor Jeffrey H. Miller”, declarou Rie, que também estudou piano clássico por mais de duas décadas. Ela conta que uma das

tarefas que lhe foram atribuídas naquele ano de 2005 foi “abrir mão do jargão usado com frequência na ciência e encontrar formas de torná-lo mais acessível a qualquer pessoa”. Levando em conta as paixões de Rie por música e dança, ela e o professor Miller decidiram que seus estudos deveriam refletir a ligação desses interesses. “Não há barreiras linguísticas quando o assunto é música”, enfatizou.

O professor Miller assinalou que a tradução das sequências de aminoácidos — também conhecidas como estruturas

microscópicas que ajudam as células a formar proteínas importantes como o músculo — em música já havia sido tentada muito antes de ele e Rie Takahashi começarem a trabalhar juntos, sem muito sucesso. “O modesto ponto de partida consistiu em atribuir uma nota musical diferente a cada um dos 20 aminoácidos e sempre que determinado aminoácido aparece em uma sequência, ouve-se a nota musical correspondente”, ele disse. O problema? Como qualquer aminoácido pode aparecer perto de qualquer outro, o resultado pode ser uma música que “pula” de forma caótica por toda parte — “uma música estranha”, observou, rindo.

Para tornar a música baseada na genética mais fácil de ser ouvida, Rie criou um programa de computador que utilizava os aminoácidos para desencadear acordes cheios em vez de notas individuais. Ela também emparelhou determinados aminoácidos semelhantes, com cada gatilho apresentando diferentes variações invertidas do mesmo acorde. “O programa de Rie criou uma música muito bonita”, disse Miller.

Mas além de tornar os resultados mais fáceis de apreciar, o programa de Rie Takahashi para converter os genes em som, intitulado Gene2Music por sua criadora, tem aplicações instigantes e práticas. “Algumas vezes é mais fácil ouvir padrões do que vê-los”, sublinhou Rie. “A doença de Huntington, por exemplo, é causada por uma repetição de determinados aminoácidos, e se você escutar a proteína de Huntington, mesmo que não entenda nada de música, é possível ouvir o mesmo padrão se repetindo de novo e de novo e entender que algo incomum está acontecendo.” Anos mais tarde, um professor da escola de medicina da UCLA continua a tocar o som quando ensina seus alunos, declarou Rie.

O Gene2Music ganhou atenção

Rie Takahashi acredita que a continuidade da análise dos aminoácidos por meio da música pode levar a descobertas científicas.

internacional e tem sido usado como ferramenta de ensino no México e nos Estados Unidos; Rie Takahashi e o professor Miller publicaram artigos científicos sobre o assunto e apareceram na BBC. Em termos de avanço, a cientista espera ver as manifestações do Gene2Music ir além de ferramenta de ensino de futuros médicos.

“Embora eu tenha orquestrado a música com

instrumentos sintetizados no meu computador, ela não foi executada por uma orquestra ao vivo”, acrescentou. “Adoraria usar a base dessa música para explorar a música eletrônica e outros gêneros. Há muitos dados e informações que poderíamos representar dessa maneira, de forma criativa.”

Rie Takahashi acredita que a continuidade da análise dos aminoácidos por meio da música pode levar a descobertas científicas. Segundo ela, só algumas partes das cadeias de aminoácidos realmente produzem proteínas, enquanto outras partes da mesma sequência assumem o controle quando essa produção acontece. “Há muitos algoritmos lá fora para prever o prazo, mas nenhum é perfeito”, declarou. “Conseguir ouvir as sequências (...) pode nos ajudar a encontrar padrões que não percebemos antes.” ■

DNA como nunca visto antes



“Fui inspirada pelo grau de relevância do DNA e pelo modo que sua estrutura mágica informa tanta coisa sobre quem somos. Embalada nos pequenos, minúsculos ‘x’, em linguagem muito especial, está uma história sobre quem somos e como vamos viver.”

KATARINA COUNTISS, ESTUDANTE EM SEATTLE, SOBRE SUA PINTURA (ACIMA) DO DNA

DNA como nunca lido antes

SUSAN MILLIGAN

Pode-se dizer que William Shakespeare tinha a grande literatura no seu DNA. E, devido à pesquisa inovadora feita por cientistas nos EUA e no exterior, o DNA está sendo usado para armazenar todos os seus sonetos.

Pesquisadores do Instituto Europeu de Bioinformática, na Inglaterra, ao desenvolverem uma ideia que surgiu enquanto conversavam em um pub, armazenaram a poesia em um DNA sintético que ocupa o espaço do tamanho de uma partícula no fundo de um tubo de ensaio.

“Você pode colocar uma biblioteca inteira em sua cadeia principal”, afirmou George Church, geneticista da Faculdade de Medicina de Harvard que escreveu em setembro um artigo sobre armazenamento de DNA com seu colega Sriram Kosuri. Junto com os sonetos de Shakespeare, Nick Goldman e Ewan Birney, do Instituto Europeu de Bioinformática, armazenaram um artigo científico

e a gravação de um clip do discurso de Martin Luther King “Eu Tenho um Sonho”.

Os dois pesquisadores usaram um software sem erro de modo que a informação pode ser conservada por milhares de anos.

Por que não simplesmente usar o seu disco rígido? “O DNA é surpreendentemente estável”, sublinhou Goldman. “Porque o DNA é a base de toda vida na Terra, nós ainda poderemos ler as informações enquanto existirem seres humanos tecnologicamente avançados. Ninguém acredita que o disco rígido ou uma unidade de compactação funcione de forma confiável depois de alguns anos.”

Church, da Faculdade de Medicina de Harvard, ainda não pretende descartar a sua unidade de compactação: a tecnologia do DNA sintético é cara. Neste exato momento, disse Church, não consideráramos usá-la para armazenar vídeos de nosso dia a dia.





Robôs ficam reais

LAUREN MONSEN

Na ficção científica, os robôs às vezes não se diferenciam das pessoas, mas até recentemente os robôs usados pela indústria, pelas forças armadas e pelos órgãos de aplicação da lei têm sido projetados para se parecerem com máquinas e realizar tarefas altamente específicas e mecânicas.

Entram os pesquisadores da Universidade Carnegie Mellon, em Pittsburgh, que estão criando robôs com personalidade.

O programa de robótica da Carnegie Mellon está em primeiro lugar na classificação da *U.S. News & World Report*. Os EUA, ao lado do Japão e da União Europeia, são líderes mundiais em robótica, de acordo com a Fundação Nacional de Ciência.

Valerie, Tank, Athina e Victor — entre os primeiros robôs contadores de história do mundo — são o resultado de um projeto interdisciplinar entre a Faculdade

de Teatro e o Instituto de Robótica da universidade.

A professora Anne Mundell trabalha com alunos de teatro para criar uma persona para cada robô, e o professor Reid Simmons ajuda alunos de robótica a desenvolver o software que faz com que os robôs interajam com os seres humanos. O projeto surgiu de conversas sobre como a tecnologia afeta a vida das pessoas no dia a dia. Instigados pelas possibilidades de unir arte e tecnologia, os professores tiveram a ideia de criar “robôs sociais”, que conversam enquanto executam tarefas.

Os robôs são divertidos, mas seu propósito é sério. Fornecem informações — orientações, boletins do tempo e assim por diante — mas a personalidade peculiar de cada um estimula as pessoas a passar mais tempo interagindo com eles. E isso é um avanço revolucionário. À medida que os robôs assumem papel mais importante na assistência à saúde

(ajudando os idosos com medicamentos, por exemplo), será importante que eles se tornem mais afáveis.

Valerie, o primeiro robô criado pelos estudantes nesse processo de colaboração, é um “robocepcionista” atualmente usado para demonstrações em salas de aula. No início ele ficou instalado no prédio da Ciência da Computação, onde respondia às perguntas dos visitantes e de quem ligava e também fofocava (às vezes reclamando que sua mãe queria controlar a sua vida amorosa).

Tank sucedeu Valerie como robocepcionista em 2005, “libertando Valerie para seguir sua vocação de cantora”, contou Anne Mundell, que é obviamente fã das criações de seus alunos.

Tank, concebido como um rude veterano do serviço militar, tem tido um mandato mais longo como robocepcionista (embora, Miranda, que irá substituí-lo, já esteja em fase de produção). Ele tem uma personalidade singular; por exemplo, fica mal-humorado se os visitantes são grosseiros com ele.

Os alunos desenvolveram a série de histórias contadas por esses robôs. Os visitantes digitam as perguntas em um teclado, e os robôs respondem com discurso gerado por computador. “À medida que você interage com os robôs, as histórias vão evoluindo. É como uma novela”, explica Anne.

Victor tem a persona de um adolescente prodígio que frequenta a universidade com uma bolsa de estudos em palavras cruzadas de tabuleiro. Projetado para jogar contra adversários humanos, Victor conversa como um adolescente temperamental. Instalado em uma sala para os estudantes, ele provoca os alunos falando de coisas que os robôs podem fazer melhor que os humanos.

Os robôs têm expressões faciais, software desenvolvido por cortesia de Simmons, e eles inclinam a cabeça e mexem os olhos. São equipados com sensores de movimento que detectam onde as pessoas estão. Os colaboradores têm aprendido com suas criações sucessivas; os robôs mais recentes interagem com mais naturalidade. Victor tem “um espectro de respostas emocionais, de modo que pode responder adequadamente quando as coisas acontecem durante o jogo de palavras cruzadas”, informou Anne.

Para ela, os robôs sociais, apesar de suas aplicações no mundo real, são “contadores de histórias” em um novo formato. ▣

De cima para baixo:
Valerie, Victor e Tank



→ **CANTAR... ME FAZ FELIZ. TODOS OS OUTROS PODEM SE AUTODELETAR — VALERIE**



← **ALGUMAS PESSOAS DIZEM QUE SOU ESQUENTADO. MAS NÃO É BEM ASSIM. — VICTOR**



→ **OS COMPUTADORES TAMBÉM TÊM SENTIMENTOS. — TANK**

Atenção!



Para ver um vídeo do robô Valerie escaneie o código QR com o seu celular ou clique aqui: <http://goo.gl/UeRqx>

Quem tem medo de robôs?

Entrevista com Matthew Mason, diretor do Instituto de Robótica da Universidade Carnegie Mellon

P: A ficção científica nos faz acreditar que, quando os robôs tiverem uma inteligência comparável a dos humanos, eles vão se rebelar. Eles estão vindo nos pegar?

Matthew Mason: Não no futuro próximo. Talvez daqui a 500 anos. Gostaria que estivéssemos tendo tanto sucesso nas pesquisas sobre inteligência artificial e no desenvolvimento de robôs que esse medo fosse real (risos).

P: O que os robôs de hoje podem ou não fazer?

MM: O que é fácil para nós é difícil para os robôs, e todas as coisas que são difíceis para nós são fáceis para os robôs. Os desafios intelectuais relacionados com o jogo de xadrez foram resolvidos com bastante sucesso pela inteligência artificial — os computadores ganharam os jogos contra adversários humanos. Contudo, se você quiser que um robô mexa as peças do xadrez no tabuleiro, isso é difícil. Ademais, observe como os humanos e os robôs lidam com a incerteza. Os seres humanos usam os sentidos, mas também a física do senso comum. Quando se deparam com obstáculos, podem fazer uma rápida análise para resolver o problema. Os robôs têm dificuldade para lidar com esses obstáculos.

P: Existe algum desafio crucial para fazer robôs mais versáteis?

MM: No geral, os pesquisadores estão procurando mecanismos, estruturas e materiais diferentes que possam fazer a robótica avançar. Eles trabalham com controles, percepção, inteligência e aprendizagem de máquina. Eu trabalho com manipulação, que envolve planejamento e controle dos movimentos, inclusive a maneira como os robôs usam suas “mãos”. Atualmente, os robôs têm simples sensores de mãos que são mais parecidos com um par de pinças. Algumas pessoas estão projetando “mãos” mais bem definidas, semelhantes às dos humanos. Mas mesmo que elas tenham sucesso, não acredito que isso resolverá o problema. Um ser humano com um par de *hashi* será infinitamente mais capaz que um robô lidando com uma situação nova, pelo menos no futuro próximo.

P: Os celulares estão mudando a nossa vida. Os robôs terão impacto mais radical sobre nós?

MM: Os robôs têm mudado a nossa vida, mas não a nossa mente. Com frequência vemos um dispositivo automatizado simples demais para ser chamado de robô. Estou empolgado com as aplicações dos robôs na educação. Na Carnegie Mellon temos um orientador automatizado, que ouve as crianças lerem e corrige os seus erros, além de orientá-las e incentivá-las. A exploração do espaço está mudando. Nosso software de planejamento de movimentos foi usado nos robôs da Nasa que têm explorado Marte. Os carros sem piloto, os robôs-médicos e as tecnologias que podem observar e prestar atenção inteligente em todo o espaço à nossa volta e no interior do nosso corpo causarão mudanças extraordinárias em nossa vida.

P: Vocês têm um Hall da Fama Robótico na Carnegie Mellon. Os próprios robôs selecionam os homenageados?

MM: Isso tiraria toda a graça de ser juiz... e me assustaria um pouco (risos).

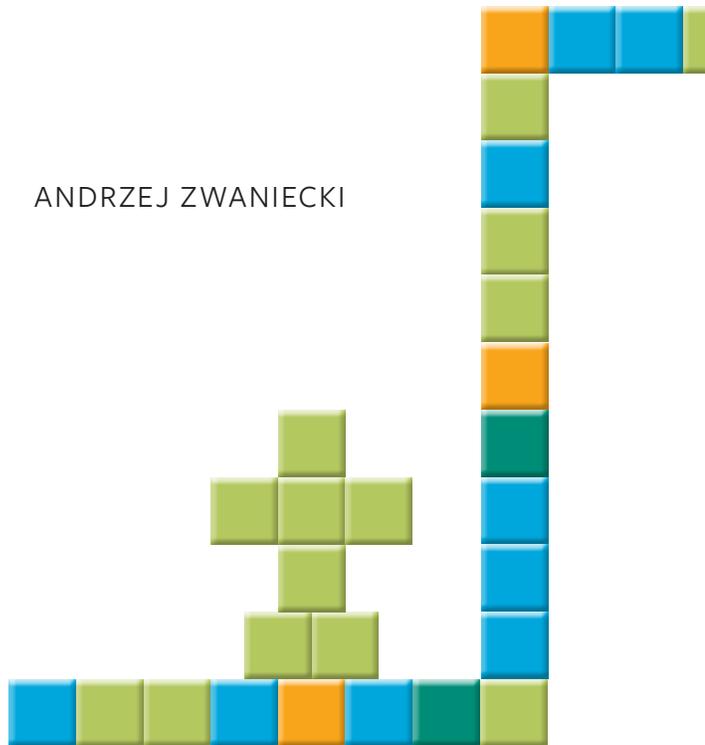


Matthew Mason

Entrando no jogo

Você tem uma ideia milionária? O *crowdfunding*, que está promovendo muitas empresas de jogos, pode ser a passagem para o financiamento da sua pequena empresa ou criação artística.

ANDRZEJ ZWANIECKI



A forma de conseguir dinheiro para abrir um negócio ou lançar uma ideia artística está mudando, uma vez que os empréstimos bancários ou investidores convencionais estão sendo afastados pelos investidores da internet, pessoas desconhecidas que fazem pequenas contribuições.

Chamada de *crowdfunding* (um tipo de investimento coletivo ou vaquinha virtual), a prática de pedir recursos on-line a pequenos investidores ou doadores está se tornando mais popular, especialmente nos países do Ocidente. Em 2012, cerca de 540 sites — a maioria nos EUA, no Canadá e em países europeus — estavam tentando vender suas ideias (*pitching*) para obtenção de apoio financeiro, de acordo com a Crowdsourcing.org, grupo de pesquisa do setor.

Essa tendência tem permitido a artistas, designers e empreendedores com pouco ou nenhum recurso financiar seus projetos com recursos de internautas em troca de uma recompensa futura geralmente modesta. (Essas recompensas podem incluir produtos encomendados antes do lançamento, cupons de desconto, camisetas, jantares ou, às vezes, uma conversa por telefone com o fundador do negócio.)

Quando a Kickstarter.com, serviço de *crowdfunding* dos EUA, foi lançada em 2009 por três sócios, era financiada apenas pelos amigos. Os primeiros sucessos foram modestos: dois projetos de arte conseguiram financiamento — US\$ 100 e US\$ 37, respectivamente. Atualmente, o *crowdfunding* é um negócio global de US\$ 2,8 bilhões, e muitos donos de projetos pedem US\$ 1 milhão em financiamento... e recebem.

As rolhas do champanhe estouraram cedo: o *Olive One*, um *music player* singular, ultrapassou suas metas de financiamento dois meses antes do prazo final



CORTESIA: OLIVE MEDIA, INC.



Clique e invista

Os defensores do *crowdfunding* argumentam que esse modelo de financiamento democratiza o processo de investimento, permitindo a milhares de potenciais usuários de um serviço, compradores de um produto ou amantes das artes investir em ideias que os entusiasmem. O dinheiro que eles arriscam é um voto de confiança no projeto.

O coletivo “é incrivelmente capaz de identificar e validar uma boa ideia”, declarou Carl Esposti, diretor da Massolution, empresa de consultoria em *crowdfunding*, à revista Forbes em maio de 2012.

Os projetos financiados coletivamente estão sendo desenvolvidos sob a intensa fiscalização de uma multidão de pessoas. A maior parte deles tem êxito. Mais de 96% dos projetos que atingiram suas metas de financiamento na Kickstarter alcançaram os resultados esperados, de acordo com estudo realizado em 2012 por Ethan Mollick, professor da Universidade da Pensilvânia. Mas esse estudo também sugere que esse acesso mais fácil ao capital pode estimular o lançamento de projetos que ainda não estão prontos: apenas 25% dos projetos que tiveram campanhas bem-sucedidas alcançaram resultados dentro do prazo.

Outra preocupação — de que algum vigarista possa arrecadar fundos para um projeto que não pretende levar adiante — provou ser um exagero. “A transparência e a dinâmica das redes sociais têm se mostrado excelentes para manter perto de zero a fraude no *crowdfunding*”, revelou Kevin Lawton, coautor de *The Crowdfunding Revolution [A Revolução do Crowdfunding]*.

No futuro, um ecossistema completo de *crowdfunding* surgirá com as inovações de plataformas cruzadas, segundo Lawton. Além disso, verbas governamentais e de filantropia vão passar a ser alocadas via *crowdfunding*, afirmou.

Crowdfunding se torna global

Nos Estados Unidos, os interesses estão aumentando. Nos termos da Lei Jobs, aprovada pelo Congresso em 2012, os empreendedores podem vender até US\$ 1 milhão em ações ao público em geral por meio de plataformas de crowdfunding credenciadas. A lei vai promover o crescimento das pequenas empresas americanas, mas também vai aumentar a pressão para que os empreendedores e os operadores de sites melhorem seus sistemas de prestação de contas aos investidores.

Nos mercados emergentes, a revolução do crowdfunding está apenas começando. Segundo a consultoria Crowdfund Capital Advisors, essa forma de investimento tem grande potencial nos países muçulmanos, já que é compatível com os princípios do financiamento islâmico. Em alguns países da Ásia, da América Latina e do Oriente Médio plataformas apropriadas já foram lançadas ou estão prestes a ser lançadas. ■



O documentário *Trash Dance* foi um dos 86 filmes financiados via Kickstarter lançados em 2013.

As principais campanhas de crowdfunding em 2012

1. RELÓGIO INTELIGENTE PEBBLE: US\$ 10,2 MILHÕES:



2. OUYA, CONSOLE MÓVEL PARA JOGOS:



3. STAR CITIZEN, JOGO DE COMPUTADOR:



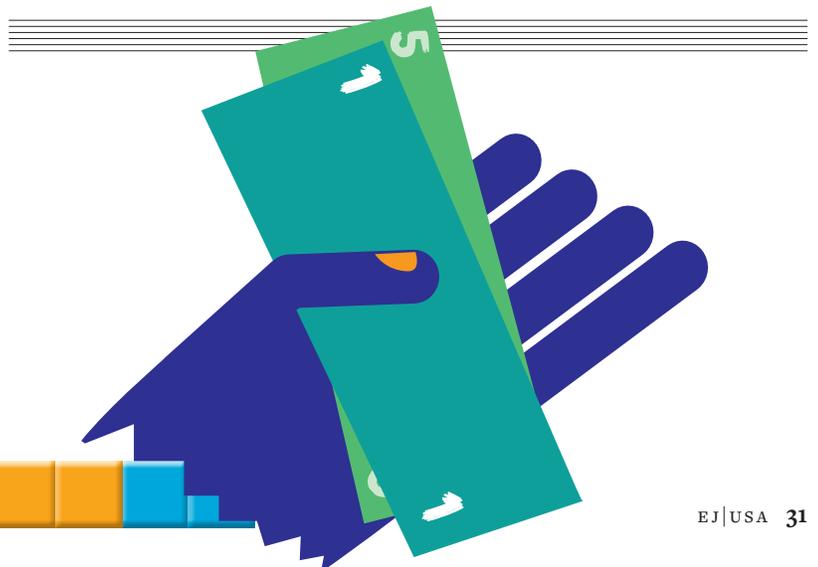
4. ÁLBUM AMANDA PALMER & THE GRAND THEFT ORCHESTRA:



5. AMANDA PALMER & THE GRAND THEFT ORCHESTRA'S MUSIC ALBUM:



FONTE: TRIPLEPUNDIT.COM



Por que nos retiramos

Terry Kramer leciona na UCLA. Ele foi embaixador e chefiou a delegação dos EUA em uma conferência polêmica em dezembro de 2012 em Dubai.

TERRY KRAMER

A Conferência Mundial sobre Telecomunicações Internacionais, em Dubai, deveria se concentrar nas telecomunicações. A delegação dos EUA tinha esperança de tratar da obtenção de acesso à internet de banda larga pelas nações em desenvolvimento. Em vez disso, o que acabou acontecendo foi o surgimento de várias propostas alarmantes que tratavam da regulamentação da internet.

Na maioria dos casos, os participantes da conferência concordaram quanto aos problemas. A questão foi: “Como resolver esses problemas?” Alguns responderam: “Com o governo”. O *spam*, por exemplo, é conteúdo não solicitado. Alguém tem de tomar a decisão sobre o que é conteúdo não solicitado e o que pode ser bloqueado. A opinião dos EUA é que não cabe a um governo fazer isso, pois abre as portas para a censura de conteúdo. Essa censura pode ser dirigida à democracia, à liberdade de expressão e ao compartilhamento de opiniões políticas entre as pessoas.

Nós apenas declaramos: “Não podemos apoiar isso”. E não assinamos o tratado. Assumiram conosco essa posição Europa, Japão Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Peru, Colômbia, Costa Rica, Índia e Quênia. Acreditamos que grupos que representam integralmente os cidadãos, os consumidores e as sociedades que se beneficiam da internet, como o Fórum de Governança da Internet, são mais adequados para tratar das futuras questões sobre regulamentação da internet.

Os cursos abertos on-line em massa (Moocs), discutidos nesta edição [página 24], são um bom exemplo do porquê é tão importante se proteger contra excesso de regulamentação governamental.

Uma proposta feita na conferência e que prejudicaria diretamente os Moocs foi a de um regime de preço do tipo “a parte que envia paga”. No regime “a parte que envia paga”, as universidades que desenvolvem e divulgam conteúdo gratuito on-line estariam sujeitas a altas taxas. O que nos preocupa é que elas decidam parar de enviar conteúdo ou mudar para o modelo pago, de modo que o conteúdo deixaria de ser gratuito.

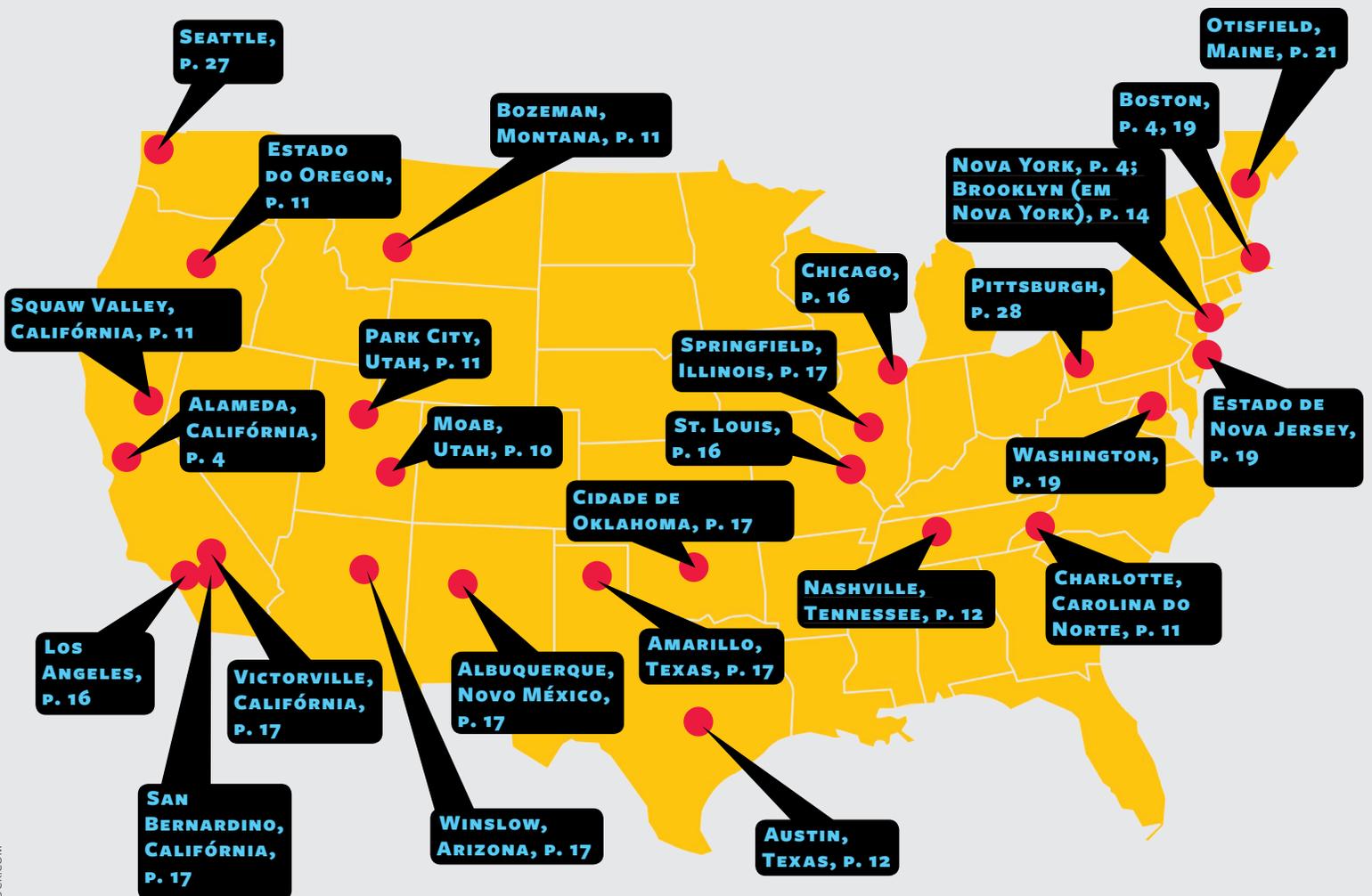
A internet tem criado tantas oportunidades porque é livre e aberta. Essa abertura permite às universidades compartilhar seus cursos e aos empreendedores desenvolver conteúdo e aplicativos exclusivos. É preciso ter um toque muito, muito leve em termos de regulamentação da internet para estimular esse ambiente. ■



**ANCHORAGE,
ALASCA, P. 4-5**

Ligando os pontos

Os pontos no mapa referem-se a áreas mencionadas nesta edição. Use o número da página para ligar um ponto no mapa a um quadro maior da vida nos EUA.



surf US



ejUSA.state.gov

sobre os Estados Unidos | on-line | o tempo todo



Embaixada dos Estados Unidos da América



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS